

A POESIA VISUAL NA INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA

VISUAL POETRY IN PSYCHOPEDAGOGICAL INTERVENTION

Luana Raquel Ruths Vieira¹
Valério Xavier dos Santos²

RESUMO

Nogueira e Leal (2013) ressaltam o papel fundamental da leitura e da escrita para vida em sociedade. No entanto, as autoras também sublinham que muitos sujeitos têm dificuldades com relação à apropriação e uso dessas ferramentas (leitura e escrita). À vista disso, o presente trabalho tem como objetivo apresentar a possibilidade de utilizar a Poesia Visual na intervenção psicopedagógica clínica de sujeitos que apresentam dificuldade na leitura e/ou escrita. A metodologia utilizada caracteriza-se por pesquisa bibliográfica, realizada através de estudos acerca da avaliação e intervenção psicopedagógicas no âmbito clínico, das dificuldades na leitura e escrita, do valor pedagógico/psicopedagógico da Poesia e de leituras sobre Poesia Visual. Esse artigo apresenta, como conclusão, e dá embasamento teórico e metodológico para a realização da intervenção no âmbito clínico, utilizando a Poesia Visual como ferramenta com alunos com dificuldades na leitura e/ou escrita, que deve ser repensado e reorganizado de acordo com as necessidades e especificidades do sujeito aprendente avaliado.

Palavras-chave: Psicopedagogia; Poesia Visual; Leitura; Escrita.

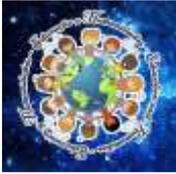
ABSTRACT

Nogueira and Leal (2013) emphasize the fundamental role of reading and writing for life in society. However, the authors also underline that many subjects have difficulties regarding the appropriation and use of these tools (reading and writing). In view of this, the present work aims to present the possibility of using Visual Poetry in the clinical psychopedagogical intervention of subjects who have difficulty in reading and / or writing. The methodology used is characterized by bibliographic research, carried out through studies about the psychopedagogical evaluation and intervention in the clinical scope, the difficulties in reading and writing, the pedagogical / psychopedagogical value of Poetry and readings on Visual Poetry. This article presents, as a conclusion, and gives theoretical and methodological basis for the realization of the intervention in the clinical scope, using Visual Poetry as a tool with students with difficulties in reading and / or writing, which must be rethought and reorganized according to the needs and specificities of the assessed learning subject.

Keywords: Psychopedagogy; Visual Poetry; Reading; Writing.

¹Formada em Letras Português/Espanhol e Pedagogia pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, mestre em Linguagem, Identidade e Subjetividade pela mesma instituição e acadêmica de especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela UNINTER. E-mail: luana_ruths@hotmail.com

²Psicólogo e orientador de trabalhos acadêmicos do Centro Universitário Internacional UNINTER. Pós-graduado em Psicologia Corporal e Psicopedagogia.



1. INTRODUÇÃO

De acordo com Moraes (2010) a Psicopedagogia “é um campo do conhecimento” que tem como objeto de estudo o processo de ensino-aprendizagem. Esse campo do conhecimento se preocupa com o desenvolvimento do sujeito, buscando sempre formas para que a aprendizagem aconteça.

Dessa forma, a abordagem da Psicopedagogia pode ser preventiva ou terapêutica, ou seja, pode desenvolver um trabalho para evitar que as dificuldades de aprendizagem ocorram ou encontrar alternativas para sanar essas dificuldades.

Para analisar como ocorre o processo de aprendizagem, é preciso, ainda segundo Moraes (2010, p.3):

(...) conhecer o sujeito em seus aspectos neurofisiológicos, afetivos, cognitivos e social, bem como entender a modalidade de aprendizagem do sujeito e o vínculo que o indivíduo estabelece com o objeto de aprendizagem, consigo mesmo e com o outro.

À vista disso, para abarcar o Eu (sujeito) como um todo, completo, a Psicopedagogia se utiliza de conhecimentos de outras áreas, como a Psicologia, Linguística, Psicanálise, Neurociência, entre outras.

Nessa magnitude de conhecimentos, como afirma Dantas e Alves (2011), “a psicopedagogia atua em diferentes processos de aprendizagem,” como, por exemplo, em sujeitos que apresentam dificuldades na leitura e escrita. Assim, o presente trabalho tem como objetivo apresentar a possibilidade de trabalho com a Poesia Visual na intervenção psicopedagógica de sujeitos que possuem dificuldades na leitura e/ou escrita, visto a importância da linguagem na vida em sociedade. Dessa maneira, temos os seguintes objetivos:

Objetivo geral:

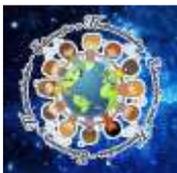
- Apresentar a possibilidade de trabalho com a Poesia Visual na intervenção psicopedagógica de sujeitos que possuem dificuldades na leitura e/ou escrita.

Objetivos Específicos:

- Ressaltar os valores psicopedagógicos da Poesia Visual;
- Desenvolver o gosto pela leitura e escrita no sujeito aprendente através da Poesia Visual;

- Dar embasamento teórico e metodológico para que o psicopedagogo possa organizar a intervenção psicopedagógica utilizando a Poesia Visual.

Esse trabalho surgiu da minha prática enquanto professora de Língua Portuguesa, que convive com muitos alunos com dificuldades na leitura e escrita e no constante trabalho com a Poesia em sala de aula. Trabalhava com uma pedagoga, psicopedagoga e psicanalista, que, ao ver um livro de poesias que produzi com os alunos, me mostrou um novo olhar, uma nova leitura dos poemas.



Tal leitura permite perceber não só as dificuldades na escrita, mas também possíveis problemas de relacionamento (família, amigos entre outros) e autoestima, que podem interferir no ensino-aprendizagem. Além disso, sempre busquei soluções para que os alunos se apropriem da linguagem em seu uso social e sintam prazer em ler.

Dessa forma, na primeira seção discorreremos sobre a importância da linguagem na vida do sujeito e destacamos a importância da avaliação diagnóstica no âmbito clínico como base da intervenção. Nessa seção falamos também sobre o diagnóstico das dificuldades na leitura e escrita.

Na seção seguinte dissertamos sobre os valores pedagógicos e psicopedagógicos da poesia e sobre a poesia visual. Por fim, na última seção, apresentamos uma possibilidade de trabalho com a Poesia Visual na intervenção psicopedagógica de educandos que apresentam dificuldades na leitura e/ou escrita.

2. MÉTODOS

O procedimento metodológico foi fundamentado através de pesquisa bibliográfica. O referencial teórico utilizado contemplou estudos acerca do trabalho psicopedagógico no âmbito clínico, as dificuldades de leitura e escrita no diagnóstico e na intervenção clínica e estudos sobre Poesia e Poesia Visual.

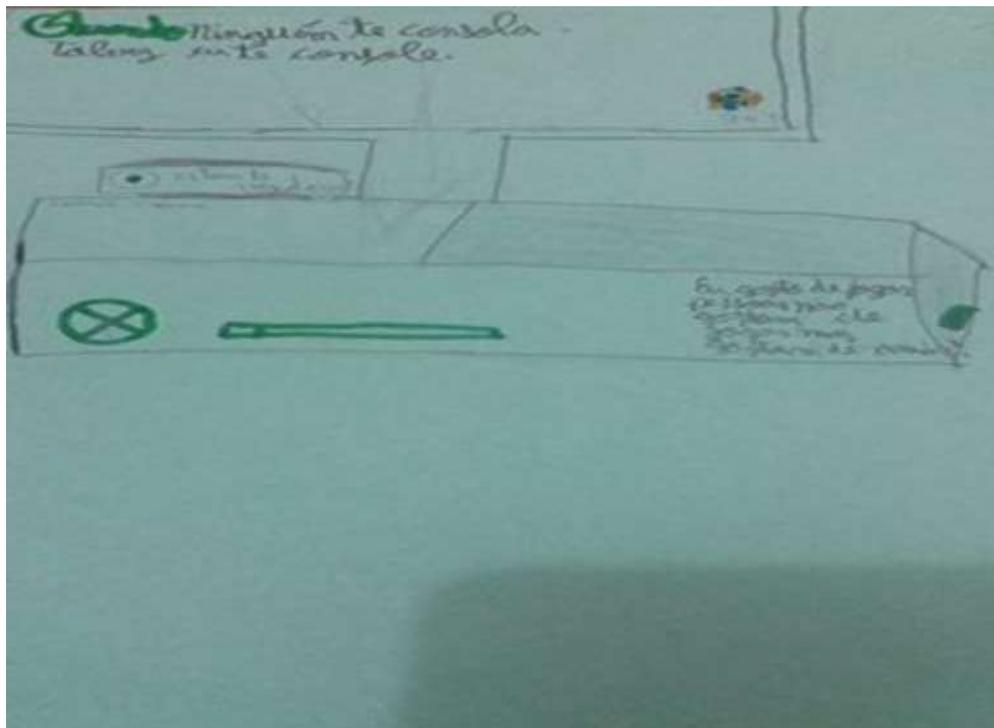
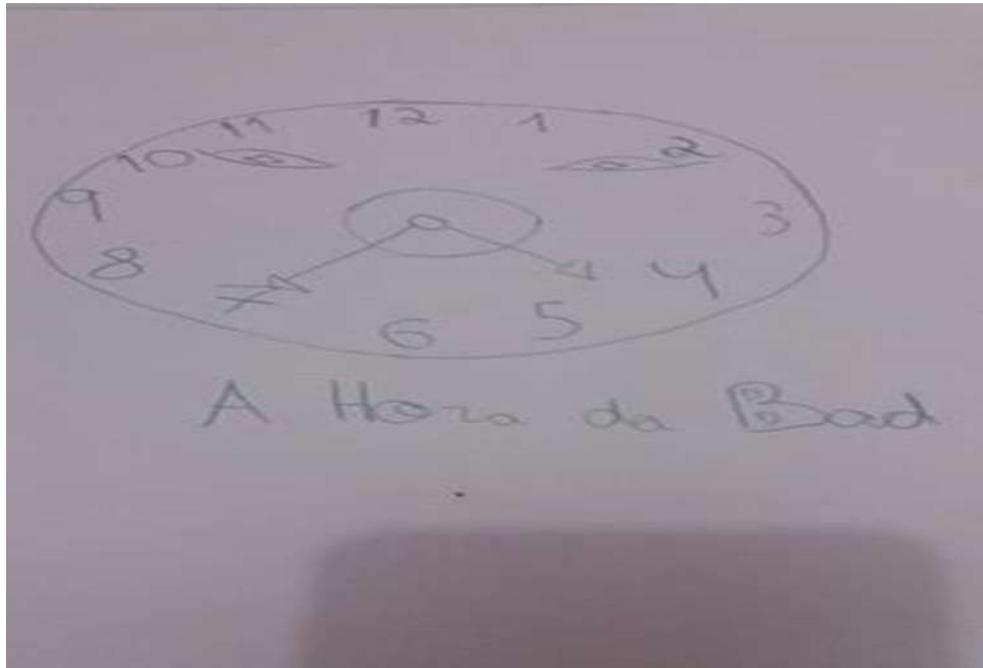
As leituras deram base teórica para as reflexões sobre os valores da Poesia Visual enquanto ferramenta psicopedagógica para sanar as dificuldades de leitura e escrita na intervenção. Ademais, o embasamento teórico proporcionou o desenvolvimento dos sete passos de uma possibilidade de intervenção clínica com a Poesia Visual.

Desse modo, esse trabalho objetivou dar embasamento para psicopedagogos planejarem sua intervenção através do trabalho com a Poesia Visual com sujeitos que apresentem dificuldades na leitura e escrita.

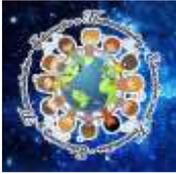
3. RESULTADOS

O presente estudo destaca o uso da poesia, mas especificamente a poesia visual como instrumento na avaliação e na intervenção psicopedagógica.

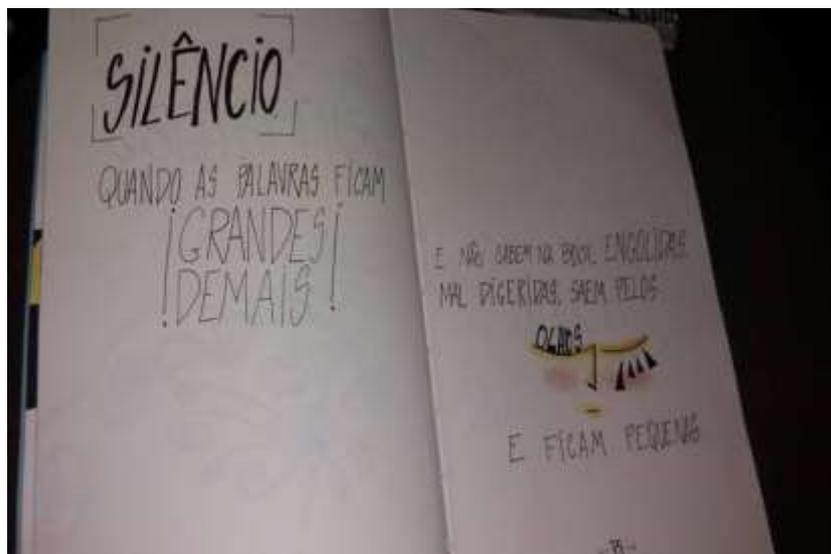
Assim, como evidenciado na discussão, a produção de poemas por parte dos sujeitos, expõe sentimentos e conflitos difíceis de serem oralizados para o psicopedagogo (a), como se pode visualizar nos poemas abaixo, produzidos por educandos e analisados na discussão:



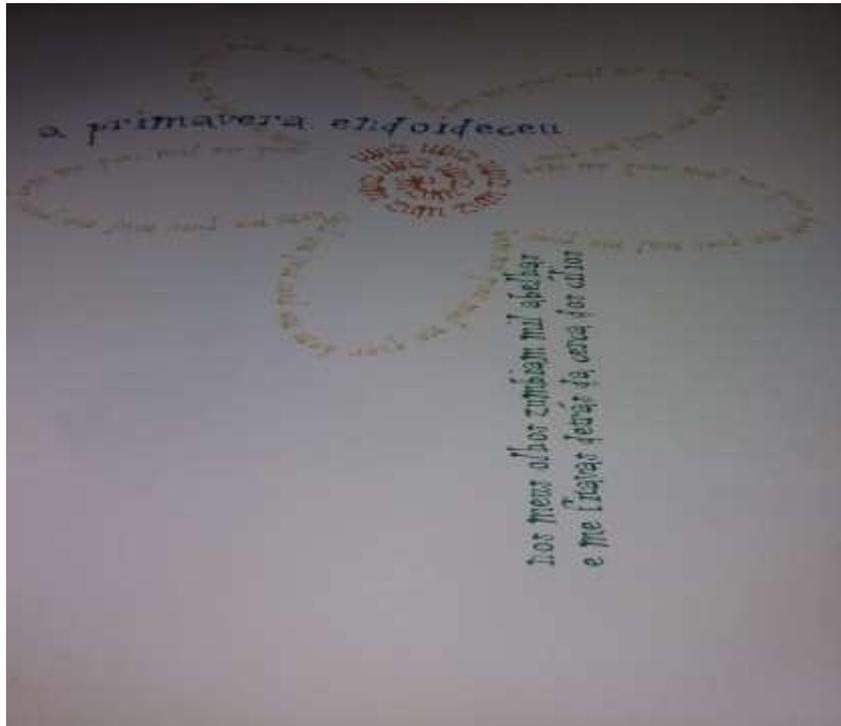
Esses poemas ressaltam a poesia como aliado na avaliação diagnóstica e na intervenção. Para ir além utilizando a poesia visual como ferramenta na psicopedagogia, apresentamos poemas que podem ser utilizados em uma intervenção psicopedagógica:



Retirado do livro Eu me chamo Antônio, de Pedro Gabriel.



Retirado do livro Pó de lua, de Clarice Freire.



Retirado do livro Poesia Visual, de Ana Cláudia Gruszynski e Sérgio Capparelli.

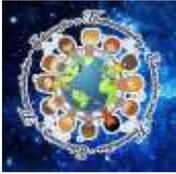
4. DISCUSSÃO: A IMPORTÂNCIA DA LINGUAGEM E A AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA NO ÂMBITO CLÍNICO

Ao falarmos na importância da linguagem na vida do sujeito, logo podemos pensar na importância da leitura e da escrita para sociedade. Portanto, é função da escola fazer com que o educando desenvolva essas habilidades.

Porém, além da linguagem, aquisição de leitura e escrita, para viver em sociedade, Butler (2009) em seu livro *Lenguaje, poder e identidad* evidencia que a linguagem é vida. Para essa teórica linguagem é poder, é identidade, é existir:

En otras palabras, el divino poder de nombrar estructura la teoría de la interpelación que da cuenta de la constitución ideológica del sujeto. Dios llama a "Pedro" por su nombre, y esta llamada establece a Dios como el origen de Pedro.

Assim, parafraseando Althusser, Butler (2009) afirma que a linguagem dá vida ao sujeito, ao nomear algo ou alguém colocamos no discurso, criamos, construímos, damos identidade para algo ou alguém. Então, ainda segundo Butler (2009) a linguagem "precede" o sujeito, só existimos por e através dela, por exemplo, uma mesa só é uma mesa porque a nomeamos, a colocamos em



discurso, a criamos da mesma forma que Pedro passou a existir quando foi chamado, nomeado, colocado em discurso.

Desse modo, além da linguagem para viver, se comunicar em sociedade, precisamos dela para existir, para ser.

Outro teórico que considerou a linguagem essencial para a vida do sujeito foi o psicólogo Vygotsky. Conforme Rabelo e Passos (2009, p.7) em seu artigo *Vygotsky e o desenvolvimento humano* “sem linguagem, o ser humano não é social, nem histórico, nem cultural.”

Ao citar Ribeiro (2005), Rabelo e Passos (2009, p.8) afirmam que para Vygotsky há uma íntima relação entre pensamento e linguagem “(verbal, gestual e escrita)”. Além disso, e ainda segundo Rabelo e Passos (2009, p.8), Vygotsky também afirma que a linguagem constitui o sujeito. Dessa maneira, percebemos que Butler (2009) corrobora a afirmação do psicólogo.

No entanto, Vygotsky salienta que além da função comunicativa, a linguagem tem como principal função organizar o pensamento; ou seja, precisamos da linguagem para pensar. (RIBEIRO, 2005 apud RABELO E PASSOS, 2009, p.8).

Desse modo, para adquirir essa importante ferramenta que é a linguagem, o sujeito passa por três fases. A primeira fase da aquisição da linguagem formulada por Vygotsky de acordo com Rabelo e Passos (2009, p.8) é a linguagem social, que tem como função “denominar e comunicar, e seria a primeira linguagem que surge”.

Depois surge a linguagem egocêntrica, que como o próprio nome sugere: fala do seu eu, fala consigo mesmo, “fala interior”, ou seja, é a fala que a criança pratica com ela mesma, o falar sozinho e que a acompanha durante a infância. Essa fase de aquisição da linguagem configura-se como a “transição da função comunicativa para a função intelectual” e é fundamental para “organizar melhor as ideias e planejar melhor as ações”. A criança utiliza essa linguagem para efetuar o que os adultos realizam apenas com o pensamento (RIBEIRO, 2005 apud RABELO E PASSOS, 2009, p.8).

Rabelo e Passos (2009, p.9) ainda nos contam que, ainda para Vygotsky, o pensamento e a linguagem, estudados separadamente até o livro *Pensamento e Linguagem*, se “fundem” exatamente na fase egocêntrica e resultam em um novo comportamento, no qual a linguagem passa a “servir ao intelecto”. Isso ocorre por volta dos 2 anos de idade e é um período marcado por grande curiosidade da criança, que deseja saber o nome de todas as coisas. Tal comportamento, obviamente, ajuda a obter vocabulário para favorecer o pensamento.

Após esse período da fala egocêntrica há o “discurso interior”. Aos poucos a criança percebe que não necessita falar tudo e pode apenas pensar para organizar e planejar suas ações; então ela passa para a última fase (discurso interior). Essa fase não é feita de palavras, mas, sim, de ideias, “que muitas vezes nem conseguimos verbalizar, ou demoramos ainda um tempo para achar as palavras certas”. (RABELO E PASSOS, 2009, p.9).

À vista do exposto até aqui, percebemos o quão importante é a linguagem (verbal, gestual e escrita) para os sujeitos. Ela nos dá vida, o poder de nos comunicarmos e pensarmos. E se durante o processo de avaliação diagnóstica



for detectada a dificuldade no âmbito da leitura e escrita há várias possibilidades de intervenção, como por exemplo, o trabalho através da Poesia Visual que apresentaremos nesse artigo.

Contudo, antes de falarmos de poesia, faz-se necessário apresentar, mesmo que de forma muito sucinta, o processo de avaliação diagnóstica, trabalho complexo, guiado, como afirma Simone Calberg (2012), por uma “matriz de pensamento diagnóstico” que é construída e reconstruída ao longo da vida do psicopedagogo. Reconstruída, uma vez que esse profissional deve sempre estar lendo e refletindo acerca de seu trabalho e pode agregar, modificar e ampliar a Teoria e a Metodologia (matriz) que rege sua atuação:

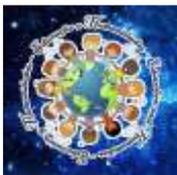
É preciso evidenciar que não há somente um jeito de fazer, mas apenas um jeito de exercer a psicopedagogia – estudando, experimentando, observando, conversando, participando de encontros vinculados à área, articulando saberes, avaliando-se e, porque não dizer, filiando-se à Associação Brasileira de Psicopedagogia (ABPp), para, então, continuar a tecer as malhas de conhecimento individual e coletivo. Malha de conhecimentos que tem fios muito coloridos, diversos, oriundos da **filosofia**, das teorias que explicam o ser cognoscente e da **prática** de tantos estudiosos. (CALBERG, 2012, p.132).

Calberg (2012, p.131) nos diz ainda que podemos construir nossa matriz a partir da Epistemologia Convergente ou seguirmos uma sequência diagnóstica tradicional, ou, ainda como aconteceu em um Município do Estado do Paraná, depois de encontros e reflexões, psicopedagogos construíram sua própria matriz do pensamento diagnóstico.

Nogueira e Leal (2013, p.83) salientam que o processo de investigação diagnóstica pode ser realizado “em um número aproximado de oito sessões, que podem variar entre mais ou menos encontros a depender de cada caso investigado”. Outros estudiosos e psicopedagogos ressaltam que a investigação deve durar no mínimo oito e no máximo quinze sessões.

Ainda de acordo com Nogueira e Leal (2013), que seguem a teoria da Epistemologia Convergente, o diagnóstico pode se dar em oito sessões, são elas: 1ª sessão: enquadramento (explicação sobre o trabalho psicopedagógico e como ocorrerá todo o processo), nessa primeira sessão o psicopedagogo ouvirá a queixa. Na 2ª sessão deve ser realizada a E.O.C.A (Entrevista Operativa Centrada na Aprendizagem) e, então formular o primeiro sistema de hipóteses. Na 3ª e 4ª sessões deve se aplicar as provas piagetianas; na 4ª e 5ª sessões teremos as provas projetivas e o segundo sistema de hipóteses. Na 7ª sessão há anamnese e o último sistema de hipóteses. Por fim, na 8ª sessão acontece a devolutiva aos pais.

Vale ressaltar que há mais instrumentos para utilizar durante o processo de avaliação diagnóstica, como por exemplo: visita à escola do sujeito que está sendo avaliado; provas pedagógicas, provas psicomotoras ou E.O.C.A psicomotora. Ademais, muitos psicopedagogos utilizam a abordagem tradicional e realizam a anamnese na 2ª sessão e não na penúltima como na abordagem descrita acima.



Moraes (2010, p.6) enfatiza o processo diagnóstico como base de todo o atendimento psicopedagógico, é ele que mostra as “possibilidades de intervenção e dá início a um processo de superação das dificuldades”. Assim sendo, a avaliação diagnóstica não é um momento, algo estático, mas o início de uma caminhada para a aprendizagem.

Faz-se necessário sublinhar que a investigação diagnóstica deve ser orientada pelas hipóteses obtidas em cada etapa, ou seja, todas as atividades e provas realizadas devem ser planejadas, testando a queixa e as hipóteses levantadas. Desse modo, como o objetivo desse trabalho é apresentar uma possibilidade de trabalho com a Poesia Visual na intervenção psicopedagógica de sujeitos que possuem dificuldades na leitura e escrita, é fundamental que comentemos alguns pontos importantes da avaliação de educandos que possuem como queixa dificuldades na leitura e/ou escrita.

Segundo Nogueira e Leal (2013, p.98) o primeiro passo é analisar a história de vida do sujeito, uma vez que “o problema pode ter raízes mais profundas e bem anteriores à sala de aula”. Após essa investigação, as autoras recomendam a análise do material escolar.

Nogueira e Leal (2013) citam Chamat que orienta que o psicopedagogo analise pelo menos dois cadernos do sujeito: um de tarefas e outro utilizado em sala de aula. Porém, Chamat afirma que o ideal é analisar quatro cadernos: dois do início do ano letivo anterior e outros dois do início do ano letivo atual.

Nessa sondagem o psicopedagogo deve averiguar o grafismo (tamanho da letra, oscilação), a limpeza, a organização (sequência, espaço), tons muscular, ortografia e, obviamente, a partir daí a relação com a aprendizagem. (CHAMAT, 2014 APUD NOGUEIRA E LEAL, 2013, p. 99).

Na sequência, Nogueira e Leal (2013, p.99) indicam a leitura de gibis e/ou livros adequados à idade do sujeito e “outros testes e provas mais sistemáticos, como o TDE – Teste de Desempenho Escolar”. Além disso, as autoras salientam a importância das provas projetivas e da visita à escola. Somente depois de uma cuidadosa avaliação diagnóstica é que se pode iniciar o planejamento da intervenção tendo em vista a dificuldade diagnóstica e o interesse do sujeito.

À vista disso, por que utilizar a Poesia Visual em uma intervenção psicopedagógica de sujeitos com dificuldades na leitura e/ou escrita?

4.1. A POESIA VISUAL E O VALOR PEDAGÓGICO DA POESIA

Conforme Quadros, Botti e Rosa (2007) a Poesia Visual tem suas raízes no movimento literário nomeado Modernismo, iniciado com a Semana de Arte Moderna em 1922. Ainda segundo Quadros, Botti e Rosa (2007, p.5) esse movimento “rompeu violentamente com o verso, atraído pela sintaxe espacial e pela visualidade, segue tendo uma importância fundamental na história da poesia brasileira”. Um exemplo de poema modernista dado pelas autoras é *Amor*, de Oswald de Andrade. Tal poema só possui um verso, uma única palavra: humor, e utiliza o espaço, o visual e convida o leitor a interagir com o poema e construir sentidos, cobrando um papel ativo desse leitor.



Entretanto, Quadros, Botti e Rosa (2007, p.5) ressaltam que somente com o desenvolvimento e evolução da tecnologia, nos anos 50 e 60, que surgem tendências poéticas visuais, “respondendo às exigências de uma sociedade que necessita de uma comunicação cada vez mais objetiva e veloz”.

Nesse contexto surge a Poesia Concreta, movimento criado pelos irmãos Haroldo Campos e Augusto de Campos, Décio Pignatari e Ferreira Gullar, e “marcou duas décadas” (QUADROS, BOTTI E ROSA, 2007, p.5).

A Poesia Concreta, assim como o movimento Modernista, rompe com o verso, valorizando o espaço, a ligação entre as palavras, a imagem, as cores, a experimentação, a sonoridade, a criatividade do poeta e do leitor. Esse último faz, escreve o poema junto com o poeta.

A Poesia Visual, por sua vez, nasceu na década de 70 e é, como ressaltam Quadros, Botti e Rosa (2007, p.6), um “desdobramento” do jeito de fazer poesia da Poesia Concreta. Essas autoras citam Álvaro de Sá que define a poesia visual como “um produto literário que se utiliza de recursos gráficos e/ou puramente visuais, de tendência caligramática, ideogramática, geométrica ou abstrata”, porém sua visualidade não elimina o uso de outras possibilidades, como por exemplo: linguagem verbal e sons.

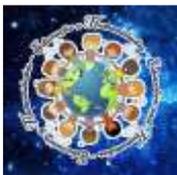
Dessa forma, podemos perceber que a imagem é o centro da Poesia Visual, é aí que reside a diferença entre a Poesia Visual e a Poesia Concreta, como afirmou a poetiza Gabriela Marcondes em entrevista à revista de literatura e arte *Germina* (publicada em março de 2007), existe uma “confusão entre as duas, porque ambas têm um apelo à imagem muito forte”. Todavia, ainda de acordo com a poetiza, na Poesia Concreta sempre aparece a palavra: “fragmentada, fundida, reinventada”; e a Poesia Visual nem sempre se utiliza da palavra, uma vez que o mais importante é a imagem.

Portanto, a Poesia visual atende a demanda da pós-modernidade, pois é imagética e criativa, e, conseqüentemente, é atrativa e por isso pode ser utilizada na intervenção com sujeitos que apresentem dificuldades na leitura e na escrita.

Além disso, Ribeiro (2007, p.7) destaca o valor da poesia como ato prático de “(re) fazer com as palavras algo que se assemelhe o mais possível à realidade”. O autor sublinha o caráter operacional e prático da poesia voltando-se para a origem da palavra poesia, do grego: “poiein” que denota fazer. Portanto, Ribeiro (2007, p.7) refuta a ideia da poesia como “um mero exercício linguístico”.

Esse autor revela várias características da Poesia como um instrumento pedagógico que se configura como a ação de reinventar e representar a realidade. Outro valor que o trabalho com a Poesia realiza, ainda segundo Ribeiro (2007), é o diálogo entre o leitor e o texto, onde o primeiro deve ser ativo e reanimar o texto (nesse caso o texto poético), dando-lhe sentido.

A Poesia também trabalha com as emoções, os sentimentos. Ao ler um poema, o leitor, através das palavras, do ritmo, da métrica, vivencia os sentimentos expressos pelo autor e ao escrever um poema, o educando poderá expressar os seus próprios sentimentos: seus medos, suas alegrias, tristezas, frustrações, paixões e etc. Esse valor pedagógico da poesia é de grande valia para auxiliar o psicopedagogo a identificar dificuldades do âmbito emocional do sujeito aprendente.



Abaixo analisamos, imagem 1 e 2 – resultados, dois exemplos de produção de poemas que podem indicar problemas emocionais dos educandos²:

No primeiro poema há um relógio que representa o rosto de uma pessoa, os ponteiros são a boca e estão para baixo, mostrando uma expressão de tristeza. Tal expressão é complementada pela frase “A hora da bad”. A palavra “bad”, do inglês: mau, mas que é utilizada pelos jovens como tristeza, ou seja, a hora da tristeza. Esses dois poemas são frutos de um trabalho, realizado durante um bimestre, com poesia, e essas produções tiveram tema livre.

Desse modo, percebemos que muitos educandos expressaram seus sentimentos em seus poemas e que em um atendimento psicopedagógico esse valor da poesia (expressão de sentimentos) pode ser uma ferramenta para descobrir e falar sobre problemas emocionais que podem estar atrapalhando o desenvolvimento do sujeito.

No segundo poema temos um jogo de palavras que também pode exteriorizar algum problema no âmbito emocional. No texto não verbal há uma TV e um console, que nesse contexto é um “vídeo game”. Já no texto verbal há na TV a seguinte frase: “Quando ninguém te consola/Talvez eu te console”. O jogo de palavras se realiza através de “consola” (verbo consolar) e “console” (vídeo game), isto é, quando ninguém te consola, talvez o vídeo game (descrito como X-Box one) consiga cumprir esse papel. Há ainda, no texto verbal, outras informações escritas no console: “estou te vendo” e “Eu gosto de jogar/pessoas não gostam de jogar/mas gostam de amar”.

Essa segunda frase (“estou te vendo”) reafirma a crença do sujeito no console como companhia, como algo que está vendo-o, interagindo com ele e fazendo o papel de um ser humano. Tal frase sublinha a necessidade de ser amado do autor, que culmina nas últimas frases (“pessoas não gostam de jogar/mas gostam de amar”). O uso do pronome pessoal “Eu” deixa claro a subjetividade do educando no poema.

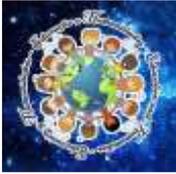
Os dois poemas demonstram que a Poesia é uma forma de falarmos sobre nós, de nossos sentimentos, como tristeza e solidão.

Outros valores pedagógicos e psicopedagógicos da Poesia são, como afirmam Quadros, Botti e Rosa (2007), o estímulo a sensibilidade, a fantasia e a brincadeira. O ritmo, as rimas, as imagens e figuras de linguagem fazem da Poesia uma brincadeira. (QUADROS, BOTTI e ROSA, 2007, p.4).

As autoras também revelam que a poesia faz parte da infância através da “tradição oral de textos lúdicos”, como “quadras, cantigas, trava-línguas, adivinhas, parlendas” entre outros. (QUADROS, BOTTI e ROSA, 2007, p.4).

Se essa rua
Se essa rua fosse minha
Eu mandava

²Vale ressaltar que esses poemas não foram produzidos em uma intervenção clínica, mas, sim, em uma turma de sétimo ano, de uma escola particular, onde eu trabalho como professora de Língua Portuguesa. Foi a partir da leitura dos poemas dos alunos e de uma conversa com a coordenadora da escola, que é psicopedagoga e psicanalista, que percebi a importância da Poesia enquanto instrumento psicopedagógico. Tais poemas são de alunos diferentes e não foram produzidos com o objetivo de análise psicopedagógica.



Eu mandava ladrilhar
Com pedrinhas
Com pedrinhas de brilhante
Para o meu
Para o meu amor passar

A melodia, as rimas, o jogo com as palavras (ludicidade) atraem as crianças. Entretanto, esse gosto pelas palavras, essa “tendência natural da criança para a poesia”, ainda de acordo com Botti, Quadros e Rosa (2007), se perde com o passar dos anos pela falha na escolha do poema e outra no tratamento do poema em classe.” (ANTUNES, 1988, p.93 apud BOTTI, QUADROS e ROSA, 2007, p.4).

Assim, o papel do professor, no caso desse trabalho, do psicopedagogo é fundamental enquanto mediador entre o poema e o educando e deve planejar com cuidado o processo interventivo: escolhendo os poemas, trabalhando com os poemas de forma criativa, lúdica e incentivando o educando a criar.

À vista disso, na próxima seção apresentamos uma possibilidade de trabalho com a Poesia, mais especificamente com a Poesia Visual (mas não se restringindo a ela), na intervenção de sujeitos com dificuldades na leitura e/ou escrita.

4.2. A POESIA VISUAL NA INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA

É necessário salientar que não falaremos do tempo que o processo interventivo durará, uma vez que isso deve ser planejado de acordo com a necessidade do sujeito e até mesmo podem ocorrer mudanças durante a intervenção. Além disso, usaremos a palavra passo e as atividades propostas servem de base para uma intervenção e devem ser alteradas e ampliadas, visando o desenvolvimento do educando.

Também ressaltamos que a possibilidade apresentada abaixo, atende educandos a partir de 10 anos devido à escolha dos poemas. Para desenvolver um trabalho com educandos mais novos deve-se escolher poemas que correspondam à idade e possibilidades desse educando.³

1º passo: Para iniciar o trabalho com a Poesia faremos um convite ao educando através do poema *Convite*, de José Paulo Paes, utilizado em alguns livros didático e no trabalho de Quadros, Botti e Rosa (2007).

Convite

Poesia
é brincar com palavras
como se brinca

³O planejamento deve atender às dificuldades do sujeito avaliado anteriormente. Podem ser utilizados poemas mais curtos no início e com vocabulário similar ao do educando.



com bola, papagaio, pião.

Só que
bola, papagaio, pião
de tanto brincar
se gastam.

As palavras não:
quanto mais se brinca
com elas
mais novas ficam.

Como a água do rio
que é água sempre nova.

Como cada dia
que é sempre um novo dia.

Vamos brincar de poesia?

Recomendamos que esse poema seja entregue em um envelope (convite) e que realizem, educando e psicopedagogo, a leitura silenciosa (no primeiro momento ao receber o convite) e depois em voz alta quantas vezes for necessária. Após a leitura perguntar: O que você acabou de receber? Que tipo de texto é esse? Sobre o que fala? Qual é a diferença entre as palavras e os brinquedos? Entre outras perguntas. É interessante partir do geral para o específico e deixar o aluno se expressar, ajudando em suas dificuldades em busca da aprendizagem.

Após esse exercício de leitura e interpretação faz-se necessário desconstruir os preconceitos com relação ao texto poético, perguntando ao educando o que ele sabe sobre poesia, se ele gosta e conhece muitos poemas. Nesse momento é de extrema importância desconstruir os preconceitos utilizando o próprio poema *Convite*. Muitos educandos acreditam que a poesia é chata, com linguagem rebuscada e que está distante do dia a dia. Ressalte que música é poesia.

Depois reforce o convite e proponha uma atividade em que o sujeito tenha que, em uma folha A4, representar o poema *Convite* através de uma ilustração e uma frase.

2º passo: Nesse segundo momento retome a produção do educando e peça para ele falar sobre ela. Após a retomada mostre ao educando livros de Poesia Visual. Para esse momento sugerimos: *Eu me chamo Antonio* (1 e 2), de Pedro Gabriel, *Pó de Lua*, de Clarice Freire e *Poesia Visual*, de Sérgio Capparelli e Ana Cláudia Gruszynski. Deixe o educando folhear livremente e dê a possibilidade de levar o livro que mais gostou para ler em casa. Para desenvolver a responsabilidade, a leitura e a escrita, proponha atividades em casa: leitura de um poema visual e produção de um poema visual com a mesma temática. Sempre converse com o educando sobre as produções.



3º passo: Trabalhe com os sentimentos do educando. Aqui sugerimos a leitura e interpretação de dois poemas: “Poesia é tudo que não cabe no poeta”, de Pedro Gabriel (imagem 3 – anexos) e “Silêncio/Quando as palavras ficam grandes demais e não cabem na boca./Engolidas./Mal digeridas./Saem pelos olhos e ficam pequenas.”, de Clarice Freire.

Ressalte a importância da imagem na Poesia Visual. Realize a leitura dos textos verbais e não verbais e indague: O que é poesia? Para que serve a poesia? Saliente também que a poesia é uma forma de expressão, uma maneira de dizer o que estamos sentindo. Como atividade proponha que o educando escolha um dos poemas e continue a sua escrita com texto verbais e não verbais.

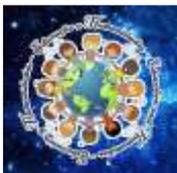
4º passo: Mostre ao educando que a Poesia está no cotidiano. Assistam o clip da música *Palavras do coração*, de Bruna Caram (disponível no YouTube). Em uma folha A4 com canetinhas e/ou lápis de cor, peça para que ele escreva palavras, retiradas dessa canção, que representem e que possuem relação com Poesia.

5º passo: Convide o educando a brincar com as palavras. Em uma cartolina escreva, na vertical, a palavra poesia e iniciem o jogo: construir outras palavras a partir da palavra poesia. Exemplo:

P
O
EXPRESSÃO
S
I
A MOR
L
E
G
R
I
A

Essa atividade favorece a criatividade e reforça o vínculo entre o educando e a leitura e a escrita, mostrando que essas atividades podem e devem ser prazerosas.

6º passo: Desenvolva jogos a partir de poemas. Recorte um poema visual para montar um quebra-cabeça e proponha a montagem, leitura e análise do poema.



Como sugestão apresentamos o poema (imagem 4 – anexos) retirado do livro *Poesia Visual*, de Sérgio Capparelli e Ana Cláudia Gruszynski.

Ao montar o quebra-cabeça o educando desenvolve suas capacidades de leitura (de palavras, formas, desenhos), de análise e sua noção de espaço. É importante recortar o poema de modo a dividir as palavras em sílabas para que você, psicopedagogo, possa ajudar o sujeito aprendente a compreender a construção das palavras.

7º passo: Por fim, como resultado de um processo de desenvolvimento do educando, quando você, psicopedagogo, perceber que o sujeito aprendiz está mais seguro, com autoestima alta e, conseqüentemente, superando suas dificuldades com relação à leitura e/ou escrita, é o momento de realizar atividades com grau de dificuldade maior. Dessa forma, sugerimos a leitura e análise do livro *Eu me chamo Antonio (1)*, de Pedro Gabriel. Após a leitura e análise dos poemas desse livro, que foi produzido em guardanapos, o educando deverá produzir um livro de Poesia Visual em guardanapos, dividido em três capítulos que se complementam. O tema será escolhido pelo próprio sujeito que deverá elaborar a capa, desenhos e etc.

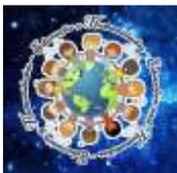
Como já foi dito, essas atividades servem como base de como desenvolver uma intervenção psicopedagógica clínica através da Poesia, mais especificamente da Poesia Visual, para educandos que apresentam dificuldades na leitura e/ou escrita. Tais atividades visam desenvolver as habilidades de leitura e escrita do sujeito aprendente, elevar sua autoestima, desenvolver seu autoconhecimento, melhorar sua expressão (falar sobre seus sentimentos) e, sobretudo, a partir do caráter lúdico e visual da Poesia visual, desenvolver o gosto pela leitura e pela escrita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitos educandos apresentam dificuldades na leitura e na escrita. As razões para essas dificuldades são inúmeras e podem ser detectadas através de um diagnóstico psicopedagógico preciso. Após esse diagnóstico, o psicopedagogo planejará a intervenção de acordo com as necessidades do sujeito aprendente avaliado.

O presente trabalho teve como objetivo apresentar a possibilidade de trabalho com a Poesia Visual na intervenção psicopedagógica clínica. A escolha da Poesia Visual como ferramenta para propiciar o desenvolvimento do educando, o movimento dele rumo à construção de sua aprendizagem e potencialização de suas habilidades, se deu porque:

(...) há uma tendência natural da criança para a poesia e várias são as razões disso. O mundo infantil é repleto de imagens, como o campo da poesia. A fantasia, a sensibilidade, a brincadeira caracterizam a ambos.” (ANTUNES, 1988, p.93 apud BOTTI, QUADROS e ROSA, 2007, p.4).



Ademais, o trabalho como professora de Língua Portuguesa, trabalhando com Poesia Visual em sala de aula, e a convivência com uma Psicopedagoga, que me alertou e me mostrou um novo olhar sobre as produções e leituras dos alunos, culminaram para o desenvolvimento desse trabalho.

À vista disso, e, sobretudo, conhecendo os valores pedagógicos e/ou psicopedagógicos da Poesia, que apresentamos essa possibilidade de intervenção, que deve ser realizada de acordo com as necessidades e individualidades de cada sujeito, buscando, sempre, a superação das dificuldades e o aprendizado.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Lenguaje, poder e identidad**. Espanha: Editorial Síntesis S.A., 2009.

CALBERG, Simone. **Psicopedagogia: uma matriz de pensamento diagnóstico no âmbito clínico**. Curitiba: InterSaberes, 2012. (Série Psicopedagogia).

CAPPARELLI, Sérgio. **Poesia Visual**. Sérgio Capparelli, Ana Cláudia Gruszynski. – São Paulo: Global, 2001.

DANTAS E ALVES, Viviane Andrade de Oliveira e Jamile de Andrade Aguiar. **Dificuldades de Leitura e escrita: Uma intervenção Psicopedagógica**. Publicado no V Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade”; São Cristovão-SE/Brasil, 21 a 23 de setembro de 2011.

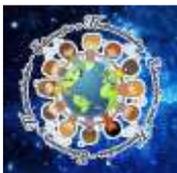
FREIRE, Clarice. **Pó de lua**. 1 ed. – Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

GABRIEL, Pedro. **Eu me chamo**. Texto e ilustração Pedro Gabriel. – 1 ed. – Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013.

_____. **Segundo Eu me chamo Antonio**. Texto e ilustração Pedro Gabriel. – 1 ed. – Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

MORAES, Deisy Nara Machado de. **Diagnóstico e Avaliação Psicopedagógica**. Publicado na Revista de Educação de Ideau, v.5 - n.10 - Janeiro - Junho 2010 Semestral.

NOGUEIRA E LEAL, Makeliny Oliveira Gomes e Daniela. **Psicopedagogia Clínica: Caminhos teóricos e práticos**. Curitiba: InterSaberes, 2013. (Série Psicopedagogia).



RABELLO E PASSOS, Elaine e José Silveira. **Vygotsky e o desenvolvimento humano**. Disponível em <<http://www.josesilveira.com>> no dia 10 de fevereiro de 2009.

RIBEIRO, João Manuel. **O valor pedagógico da poesia**. Publicado na Revista Portuguesa de Pedagogia, ano 41-2, 2007, 51-81.

QUADROS, BOTTI E ROSA. **Poesia Visual: A criança entre imagens e palavras**. Publicado em <<http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2007/anaisEvento/arquivos/CI-031-05.pdf>>.

AUTORIA:

Luana Raquel Ruths Vieira

Formada em Letras Português/Espanhol e Pedagogia pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, mestre em Linguagem, Identidade e Subjetividade pela mesma instituição e acadêmica de especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela UNINTER.

E-mail: luana_ruths@hotmail.com

País: Brasil

Valério Xavier dos Santos

Psicólogo e orientador de trabalhos acadêmicos do Centro Universitário Internacional UNINTER. Pós-graduado em Psicologia Corporal e Psicopedagogia.

E-mail: luana_ruths@hotmail.com

País: Brasil